

Um dia da caça outro dia do caçador: as (re)definições de gênero em contextos turísticos na praia de Pipa/RN

Resultado de investigação finalizada

GT 11 Gênero, desigualdades e cidadania.

Mikelly Gomes da Silva
Mestra em Ciências Sociais – UFRN

Resumo

O trabalho se situa nos estudos sobre o mercado do sexo e analisa um recorte que é composto entre relações afetivo-sexuais-comerciais, envolvendo aspectos materiais e simbólicos, em que homens e mulheres jovens da Praia de Pipa prestam serviços sexuais a estrangeiro (a)s, assim configurando uma relação transnacional. São relações generificadas, onde a composição dos gêneros descreve socialmente que tipo de interação é realizada e reconhecida pelo vilarejo. Desse modo a pesquisa, a partir, das análises das (re) configurações de gênero traz as disjunções e conexões entre o feminino e masculino em contexto de viagens turísticas.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Caça-gringa(o)s. Intercâmbios sexuais. Prostituição.

Resumen

La obra se encuentra en los estudios sobre el mercado del sexo y analiza un corte que se hace entre las relaciones afectivo-sexual-comercial, con la participación tanto material como simbólico, en la que hombres y mujeres de Pipa jóvenes ofrecen servicios sexuales a los extranjeros (a) s, estableciendo así una relación transnacional. Son relaciones de género, en la composición de los géneros describe qué tipo de interacción social se hace y reconocido por el pueblo. Así, la investigación de, el análisis de (re) configuraciones de género trae disyunciones y las conexiones entre lo femenino y lo masculino en el contexto de tours.

1. Introdução

Corpos bronzeados, sorrisos largos e um copo de caipirinha nas mãos. Caminhavam entre os bares/boates Oz e Tribus na Baía dos Golfinhos, rua central da praia da Pipa/RN. Possivelmente, quem caminhasse pelas ruas de Pipa não compreenderia que naqueles corpos estavam inscritos as marcas sociais traçados pela (re) configuração de gênero encontrado naquele vilarejo.

Estes corpos combinavam com o cenário praiano. Roupas leves, partes dos corpos amostra, cabelos queimados do Sol, propiciando aspecto louro e parafinados. Uma beleza esculpida pela prática de esportes aquáticos e definida nas academias de artes marciais aliadas a exposição do Sol. Contrastavam com corpos brancos e de idiomas estrangeiros.

Ao decorrer da pesquisa, deparei-me corriqueiramente com estes corpos (re) desenhados na exotização do “Outro” em disputa de relações afetivo-sexuais. Corpos que se encaixam naturalmente ao imaginário de brasilidade reverberado nas normas que definem o homem brasileiro e a mulher brasileira, constituídos nas normas hegemônicas de gênero.

A pesquisa se situou nos estudos sobre o mercado do sexo e analisou um recorte que é composto entre relações afetivo-sexuais-comerciais, envolvendo aspectos materiais e simbólicos, em que homens e mulheres jovens prestam serviços sexuais a estrangeiros, assim configurando uma relação transnacional. São relações generificadas, onde a composição dos gêneros descreve socialmente que tipo de interação é realizada e reconhecida pelo vilarejo. Os homens que se envolvem afetivo e

sexualmente com estrangeiras são chamados pela categoria êmica de *caça-gringas*, retirando de forma explícita o caráter de prostituição¹, já as mulheres que se envolvem com os estrangeiros são chamadas de *piriguetes*, prostitutas e/ou putas.

Percebi que tanto no barulho das *pic ups*, nos embalos dos tamboris e do pandeiro, ou sob o arrebentar das ondas, estes corpos questionavam os pressupostos feministas. Não são corpos vitimizados dentre os padrões abolicionistas. Não são mulheres onde a pobreza é o fator que culmina nos intercursos sexuais. Contrariando esta lógica feminista não encontramos apenas mulheres nestas relações de prazer onde seu corpo é visto como fonte de desejo. Uma vez que, constatei que a grande maioria dos intercursos afetivo-sexuais são realizados por homens locais e estrangeiras. Homens que experimentam novas aventuras, novas viagens, novos idiomas. Deste ponto de vista, compreendo que a prostituição apresenta muitas perspectivas e possibilidades e não necessariamente de ser uma atividade servil. Muito menos limitador quando pensamos nos atores sociais envolvidos. No mais, entendemos que cobrar/trocar sexo é um privilégio e um direito exercido de sua autogestão, autonomia.

Como diz Beatriz Espejo:

El abolicionismo más común se centra en la ofensa que representa para estas mujeres el hecho de que “sus hombres” paguen por estar con otras. No conlleva ninguna reflexión sobre los intereses de la prostituta, la cual no existe para ellas, en tanto que tal. Tampoco reflexiona sobre las conveniencias sexuales en otro tipo relaciones. Las abolicionistas buscan el reconocimiento y exclusividad del macho. Son, por tanto, territoriales y misóginas al no anteponer las múltiples formas de intereses sexuales en todas las mujeres y centrarse en sus egoístas intereses. Mujeres machistas que imitan los roles jerarquizados que el machismo considera idílicos, mientras reniegan de los roles femeninos que el propio machismo ha desacreditado a lo largo de los siglos en la mujer (ESPEJO, 2010:115).

Desse modo, dialogo com uma lógica que quebra os padrões institucionalizados da prostituição no corpo feminino. Em Pipa encontramos mulheres que se envolvem afetivo-sexualmente com estrangeiros, mas contestando a lógica milenar do feminino como objeto de desejo e de mercantilização. É no corpo masculino que os intercursos sexuais são desejados e percebidos de forma mais explícita.

Este texto se ancora na observação e análise de sujeitos locais homens e mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com estrangeiro (a)s. A pesquisa foi realizada no vilarejo praiano de Pipa/RN, com o objetivo de analisar as mudanças que vêm ocorrendo nas relações de gênero influenciadas pela atividade turística, ou seja, investigou a dicotomização da experiência sexual em contextos turísticos transnacionais. Os corpos masculinos, contrariando a atividade sexual como prática visível no corpo, sobretudo, do gênero feminino, têm seus espaços definidos no comércio de trocas de prazeres entre homens (nativo/local) e mulheres (estrangeiras). Puderam-se observar os elementos constituintes do modelo hegemônico com facilidade, homens com estruturas viris, de corpos definidos, olhares rudes e que se aproximam das estrangeiras de forma objetiva sem comprometer sua vida social, como se estivesse condicionado ao gênero masculino o valor da conquista. A eles é permitido a aventura.

2. O caça-gringa e a puta, a construção identitária na praia de Pipa

¹ Ao homem de Pipa o poder da aventura e conquista parece retirá-lo das relações de prostituição. Logo, não vem nessas relações de apoio econômico. O termo caça-gringa expressa a conquista do “Outro”, a sedução e não o caráter de prostituição como forma servil.

O cenário da pesquisa é a praia da Pipa-RN, localizada cerca de 90 km ao sul da capital potiguar, Natal. Antigo vilarejo de pescadores que durante os anos 80 foi descoberto por surfistas e posteriormente turistas dos mais diversos países, tornando-se um dos destinos mais frequentados no estado do Rio Grande do Norte por se tratar de viagem á lazer. O turismo em Pipa foi inserido com perspectiva de desenvolvimento. De forma acelerada o então vilarejo de pescadores foi tomado por hotéis e pousadas de luxo, reconfigurando o padrão estético da praia. A partir dessa inserção de dinamismo do ambiente praiano, calmo e tranquilo que remota o interesse inicial da praia como ambiente de descanso e lugar para relaxar, os rearranjos fizeram com que os “locais” tivessem que se adaptar aos ditames do turismo e refazer seu cotidiano. O que podemos pensar a redefinição de identidade e mudanças de valores dos moradores “locais”, sobretudo, verifica-se esta mudança nas relações de gênero.

Nessa atmosfera, o turismo sexual começa a inserir-se no cotidiano da população da praia de Pipa. Segundo Cantalice (2009), o desenvolvimento trazido pelo turismo de massa tem contribuído para a prática do sexo turismo como geração de renda, mas a questão não é meramente mercantil. Para além das trocas financeiras e/ou simbólica nesta praia percebe-se um fenômeno que a olhos nus é novidade em solos potiguares: os intercâmbios sexuais dos corpos masculinos. Uma vez que na capital e em torno das rodovias que cortam o estado encontramos mulheres e travestis oferecendo serviços sexuais em ambientes públicos.

Ao longo de quatro meses em campo, conheci a realidade dos intercâmbios sexuais no vilarejo. Diante das observações realizadas tanto nos bares, citados anteriormente, e nas praias do Madeiro, Amor e praia Central, questionava-me quais as representações conferidas aos sujeitos envolvidos pela população residente. Deste modo, iniciei o diálogo com moradores locais.

Hospedada em albergue nas últimas idas, a aproximação com o público local surgiu de maneira espontânea. Logo, os meus entrevistados² eram também meus informantes. Flor, Massa e Preciosa³ contribuíram de forma significativa para a construção da pesquisa.

Flor é a dona do estabelecimento que me hospedei, um **hostel**, de ótima localização e frequentada por um número significativo de estrangeiros. A rotatividade do **hostel**, me permitiu estar próximo dos “forasteiros”⁴ além de a hospedagem nesse tipo de estabelecimento ser preferência de jovens, geralmente, em grupos pequenos. Ao contrário, de pousadas e hotéis que têm em sua configuração a procura de casais e famílias. Flor mora em Pipa há 14 anos. Chegou ao vilarejo no final da década de 90 quando a especulação imobiliária estava no auge. As conversas com ela foram ricas, pois não faltavam lembranças do processo de (re) configuração de gênero.

Massa, funcionário do **hostel**, passa as noites “tomando” conta do lugar. Ele tem 27 anos e nasceu e cresceu em Pipa. Morou em Natal durante cinco anos e voltou a Pipa por motivos empregatícios. Não gostava de falar das relações afetivo-sexuais, pois não reconhecia esta no vilarejo e quando dizia existir, falava do corpo feminino. A fala dele trazia lembranças da década de 1990, período de expansão imobiliária. Massa falava de como os corpos femininos prostituídos passeavam pelas ruas de Pipa.

Sabe?! Mulheres interesseiras que saiam com vários estrangeiros, cada fim de semana um diferente. Tudo isso por causa do dinheiro. Hoje é mais difícil identificar, mas ainda tem. Elas nem ligam para o amor só querem o homem se eles tiverem algo a oferecer (Entrevista em dezembro de 2012).

² As entrevistas foram realizadas no **hostel**. As primeiras em contexto de diálogos. Nos últimos meses, estas foram intensificadas e realizadas em estrutura fechada.

³ Utilizo os pseudônimos: Flor, Massa e Preciosa para identificar os meus informantes.

⁴ Como se refere à população mais antiga de Pipa ao público flutuante.

Preciosa começou a trabalhar no **hostel** no fim de dezembro por causa da demanda de hóspedes. Ela passa o dia em Pipa e retorna para sua casa no fim da tarde, que nos arredores. Como afirmou Massa: muitas pessoas venderam suas casas e terreno e foram morar um pouquinho mais afastados.

Meu pai tem um cantinho para cultivo. Voltei para ajudá-lo. E ele deixou um cantinho para fazer minha casa (Entrevista em janeiro de 2012).

Com meus entrevistados e/ou informantes fui estabelecendo as normas que caracterizavam identitariamente homens e mulheres locais em contexto com viajantes estrangeiro (a)s. Com a leitura do Cantalice (2009), fui munida da classificação dos homens sob a ideia de *caça-gringos*. Mas, como se referiam as mulheres locais envolvidas nesses intercâmbios? Seriam as caça-gringos? Descobri em campo e em entrevistas que para estas o termo não se aplica. Quando questionava sobre a figura do feminino, meus entrevistados se referiam com os termos de puta, prostituta ou *piriguete*. E *piriguete* era um termo que não se restringia à mulher local. Diziam que as mulheres estrangeiras consideradas ousadas eram chamadas de *piriguete*, as mais velhas recebiam como sufixo o termo *velha*. Logo as *piriguete velhas*.

Deste modo, trabalho com os termos identitários apresentados pelos entrevistados e legitimados em conversas informais com outros moradores.

3. O início da viagem: as definições e (re) definições dos gêneros nos intercâmbios turísticos

Pipa é uma praia *com ares* cosmopolita, seus atuais moradores são oriundos de várias regiões do Brasil e dos mais diversos lugares do mundo. O que pude perceber é que no período considerado de férias (meio do ano, meses de junho e julho e fim de ano e início do ano, de dezembro ao início de fevereiro), torna-se mais evidente a presença da população flutuante. Na alta estação, verão brasileiro, há uma presença massiva de turistas internacionais, já nos meses de junho e julho a rotatividade de turistas brasileiros é maior.

Em um vilarejo com fluxo turístico constante é esperado que, desse contexto, ocorra múltiplas formas de relacionamentos entre a população local e a população flutuante. Ora o morador é um prestador de serviços, outra é apenas um nativo daquele destino turístico. Desta forma, as trocas destas interações resultam em sentimento de repulsa e fascínio, é um dos elementos que constituem o fascínio é a exotização do “Outro”, este se torna um sujeito desejado e erotizado, possibilitando inúmeras formas de relações afetivo-sexuais. Durante a pesquisa etnográfica foi possível observar e coletar subsídios que nos faz compreender como funciona a dinâmica desses encontros afetivo-sexuais que se dão em períodos de viagens.

Em Pipa, alguns homens e mulheres locais, procuram se relacionar afetivo-sexualmente com alguns estrangeiros que, encontram no contexto de viagem. Os turistas internacionais, em grande parte, são originários dos países Escandinavos, Argentina e Europa Ocidental. No vilarejo encontramos uma configuração inversa do que geralmente vem sendo apresentada e analisada nas relações do mercado do sexo, sobretudo, em contextos de viagens turísticas. Em Pipa, em sua maioria, quem se desloca para usufruir das relações íntimas são mulheres⁵. Atentei para questionar as bases de generificação das atividades sexuais dentro do mercado do sexo apresentada como turismo sexual. Encontrando duas formas de compreensão que este tipo de turismo é significava em Pipa, a primeira diz respeito à prostituição e a segunda é entendida como intercâmbios sexuais. A prostituição é representada no corpo feminino, em menor escala na praia. Os intercâmbios sexuais traz o masculino como sujeito de ação. Os câmbios sexuais, ao contrário de como é apresentado na literatura do mercado do sexo traz de

⁵ Constatou-se esse índice através das observações diretas e do diálogo com proprietários de hospedagem do vilarejo.

forma evidente o corpo masculino nas trocas sexuais, há mulheres em Pipa que se relacionam com estrangeiros, mas em quantidade irrisória.

Ao contrário do que possa parecer, esse tipo de interação traz elementos que o destaca do prosaico e inviabilizam interpretações reducionistas, que o enxergaria precipitadamente como um lugar comum, um comportamento de pessoas jovens. Para entendê-lo é preciso saber como esses relacionamentos se dão o que leva esses parceiros a os empreenderem, o que o positiva e os torna preferíveis frente às demais possibilidades de relacionamentos (CANTALICE, 2009:114).

Vale salientar que no processo de *turistificação* em Pipa dois fatores são bastante importantes para a compreensão do fenômeno analisado. Primeiro, o turismo consolidou-se tanto como potencializador econômico quanto dinamizou as ações no vilarejo, trazendo melhoras significativas para a comunidade. Por outro lado, esta atividade canalizou os investimentos governamentais e privados, tornado a comunidade exorbitantemente dependente, simbólico e economicamente das idas e vindas dos turistas.

O turismo trouxe uma espécie de **ethos** estrangeiro, hábitos e costumes do universo desenvolvido, para uma comunidade antes que vivia e sobrevivia dos ares bucólicos da pesca e agricultura. Natural que com o desenvolvimento que os “Outros” trouxeram para Pipa estes fossem “venerados” como deuses.

A importância conferida não só ao que é próprio do outro, mas ao outro em si, aponta as ações de assimilação e ressignificação simbólica ordenadas pela comunidade receptora, que radicaliza o discurso propagandeando pelos representantes públicos e porta-vozes da iniciativa privada em aprovação ao turismo e à salvação financeira que ele acomodaria, através do *slogan*: “O turismo gera emprego e renda!” (CANTALICE, 2009:117).

A figura do turista e suas práticas logo foram incorporadas no cotidiano pipense. Embora, em observação etnográfica percebia uma dupla “imitação prestigiosa”, o que Marcel Mauss (2003) relata como uma reprodução de algo social e/ou cultural valorizado, configurando uma espécie de status para quem o aciona.

Cantalice (2009) apresenta os autóctones, como geralmente se refere aos nativos e locais, como inseridos nos grupos de imitação endeusada dos turistas, entende que a imitação possibilita a aquisição de status e prestígio. No mais, essa é positivada, pois insere os locais em processo de familiaridade com os códigos e simbolismos estrangeiros, desse modo, rompem com os significados do seu próprio grupo local.

Pude perceber que ao mesmo tempo em que endeusavam a imagem do estrangeiro, caráter dos capitais instaurados nesses (cultural, simbólico, financeiro), havia uma necessidade de distingui-se deles. Traziam no corpo o maior signo de distinção. Corpos estruturados, que se diferenciavam daqueles corpos mais languidos europeu. Os *caça-gringas* têm músculos e a cor. Enquanto a exposição ao Sol deixava os estrangeiros com a pele vermelha. Os garotos de Pipa tinham uma pele morena envernizada. À noite essa pele brilhava.

Destarte, compreendo que há uma dupla imitação, tanto locais reconfiguram seus comportamentos para se familiarizarem com os estrangeiros, quanto os estrangeiros fazem o mesmo, para se assemelharem ao cotidiano praiano.

Vejo nas ruas de Pipa, alguns símbolos estrangeiros, nos comportamento da população local, como o modo de agir, se vestir, entre outros. Mas vejo uma característica de imitação e distinção entre os próprios estrangeiros que marca por outro lado, uma aquisição de prestígio, uma vez que estes estrangeiros incorporam um *habitus* local. Os homens de Pipa e mulheres, em sua grande maioria, continuam reproduzindo os

significados de exotização que percorrem o imaginário de uma comunidade pesqueira habitada por surfistas. Em oposição, distingue-se e identifica-se o turista que vive em Pipa e já incorporou seus signos, e se transformou em local, pela simples presença de um acessório que estes tinham incorporado do cotidiano local, eles calçavam sandálias, aquelas simples havaianas, além de já terem adotado o estilo *surf wear*, ao contrário de seus compatriotas e/ou outros estrangeiros que estavam apenas de visita, vestiam roupas da moda, estavam de tênis, chinelos de couro todos “engomadinhos” como costumam dizer.

(Notas do Diário de Campo –Julho de 2012).

Há no vilarejo um misto de relacionamentos, de um lado, os locais que se relacionam com o público estrangeiro apenas na prestação de serviços, por outro lado àqueles que os fazem através de outras trajetórias interacionais. E um dos mecanismos utilizados para terem acesso às representações valorizadas simbolicamente são os intercâmbios afetivo-sexuais estabelecidos com os/as turistas.

O segundo fator de destaque apresenta a praia de Pipa, devido a sua (re) descoberta, um destino alternativo, ambiente para quem evitava o turismo de massificado. Deste modo, frequentado inicialmente por surfistas, mochileiros e *hippies*, a praia destacava-se como atmosfera de contracultura “a vila de pescadores assumia um tom de e uma aura de permissividade e liberalidade tanto sexual quanto no que diz respeito ao uso dos psico-ativos, principalmente da maconha” (CANTALICE, 2009:117).

Hoje em dia, com o investimento denso do mercado de turismo, pode-se dizer que Pipa é um destino de massa, dado ao fluxo de visitantes que recebe e a infraestrutura que possui. Ainda que, não tenha perdido seu encanto bucólico e rústico. Sua misteriosa permissividade mantém antigos visitantes e seduz novos frequentadores. Turismo de sol e mar destinado ao lazer, interesse de grande parte dos viajantes que escolhem Pipa, pois buscam, acima de tudo, diversão, uma vez que, grande parte de seus visitantes vem dos gélidos países europeus⁶ e regiões do Sul e Sudeste brasileiro como São Paulo e Minas Gerais. Estes regidos por uma idealização que a produção das atividades hedonistas não possuem muito espaço nos territórios turísticos possibilitando uma emergência dionisiaca (MAFFESOLI, 2001).

Apesar de não ser oficial, Pipa é apresentada como paraíso sexual, parece ter se difundido por vários lugares e aceito pelo imaginário local. A fala de um informante⁷ revela:

Elas (as argentinas) eram novinhas, um grupo grande. Assim que chegaram foram logo perguntando e os ‘surfistas’?! Todas animadas (risos) foram dizendo que queriam conhecê-los e queriam “pegá-los”. Coisa da idade. Sabe?

(Entrevista – janeiro de 2013).

O relato faz pensar em que contexto as viagens turísticas estão inseridas. Seria nesse contexto um turismo sexual ou sexo e turismo? Há uma linha tênue nessas duas expressões. A primeira, ganha status criminais, pois é assim que entendem a noção de turismo sexual. Indivíduos que vem de fora para aproveitarem sexualmente de um corpo erotizado, vitimizado (BLANCHETT, 2011). Já o sexo e turismo parecem traçar uma relação de aventura e desejos reprimidos em seus ambientes nacionais. Livres das sanções de suas pátrias. As férias em terras distantes permitem vivenciar os prazeres

⁶ Pipa tem recebido segundo informações de proprietária de **hostel** e pousadas uma grande quantidade de turistas vindo de Israel. Em uma das minhas hospedagens, dividi espaço com duas garotas israelenses. A proprietária do *hostel* já tinha me dito que na semana anterior tinha recebido outro grupo vindo deste país. Ainda a presenciei fechando mais um pacote para um novo grupo de israelenses.

⁷ Flor foi principal informante da pesquisa, ela é dona de um estabelecimento em Pipa. Onde fiquei nos últimos meses de trabalho de campo. É potiguar e já está a 14 anos morando em Pipa.

reprimidos. Seus comportamentos “desregrados” não causam repulsa, já que a comunidade local se beneficia de seus comportamentos.

Frente a essa nova circunstância, cortejar, seduzir, e se envolver afetivo-sexualmente com mulheres estrangeiras são para alguns homens locais uma maneira de fazer parte nos glórias e nas benesses suscitados pelo turismo, uma vez que, estas relações surgem como vias de entrada facilitando o ganho de bens e símbolos socialmente valorizados.

A população mais jovem parece aceitar estas relações sem obstáculos, a relação entre o estrangeiro e o local ser tornou paisagem natural em Pipa, embora essa “naturalização” tenha distinção quanto a gênero. É recorrente o discurso da natureza masculina se envolver com várias estrangeiras, nesses relacionamentos os locais são chamados de *caça-gringas*. Quando a figura do caçador é a mulher estes relacionamentos são significados como uma forma de prostituir-se.

Observando a circulação de pessoas no Tribu's, o samba trouxe todo mundo para dentro. Vi uma disparidade em relação a grupo de interesses, enquanto havia um número maior de homens locais reunidos, grupos que se distinguiam por idade, forma de se relacionar com estrangeiros e pequenas diferenças entre vestimentas, havia apenas dois grupos de mulheres, vestidas do mesmo jeito, vestidos justos e curtos, e aparentemente na mesma faixa de idade. Sentada no bar/boate eu parecia a única observar como os homens interagem de forma agressiva se comparado às mulheres com os (as) estrangeiros. Entretanto, percebia os olhares de desaprovação de alguns turistas brasileiros a olharem para aquelas garotas. Enquanto, no meio do samba os homens alternavam de investidas sem receberem nenhum tipo de olhar recriminador.

(Notas do Diário de Campo – Julho de 2012)

Desse modo, retornamos a essencialização dos gêneros, que dá direto ao masculino o lugar público, vivenciar experiências sexuais como legitimador de sua masculinidade, assim como deslocar-se de seu país sob os insígnos de aventureiros. Do mesmo modo que permite aos homens visitados se relacionarem afetivos e sexualmente com várias mulheres sem serem socialmente e culturalmente classificados como objetos e abjetos. As mulheres inseridas nos trânsitos sexuais são vistas como sujeitos sem agência, recaindo no modelo emoldurado de passividade, docilidade, sendo caracterizadas como pertencentes ao lugar doméstico, logo as que transgridem o universo privado e fazem uso dos intercâmbios sexuais para interações não parecem pertencer a outro lugar que não seja da puta.

Os relacionamentos na praia da Pipa que ocorrem entre os locais e estrangeiros não se resumem a relações heteronormativas. Durante a permanência no campo observei relações homossexuais, há um número relevante do público gay na praia, que assim como aquelas ou não estavam inseridas em alguma variação do sexo mercantil.

4. Reflexões finais

A pesquisa desenvolvida no período de obtenção de título de mestre em Ciências Sociais contribuiu para pensarmos a reconfiguração dos estudos sobre sexo mercantil, turismo sexual e outras formas de intercâmbios sexuais. Tentei romper com o imaginário estático das atividades sexuais, onde a mulher é objeto e o homem é o sujeito a usufruir dessas atividades.

Deste modo, aponto não trago resultados, mas sim reflexões. Primeiro, há necessidade de repensarmos algumas teorias feministas, principalmente, as que aprisionam as mulheres que estão dentro das atividades sexuais como sujeitos sem agência, logo subordinados a dominação masculina. Embora, reconheça historicamente a realidade social que o feminino fora colocado em seu processo de desenvolvimento com sujeito de poder e agência. O que as profissionais do sexo necessitam é o reconhecimento da atividade sexual como legítima e de direito, pois ao torná-las visíveis estas

mulheres estariam revertendo à lógica estigmatizante através das ações e lutas pelos seus direitos civis, afirmando o quanto desaprovam os rótulos de invisibilidade impostos pela sociedade moralista, na tentativa de camuflar a inserção de outros sujeitos nestas atividades que estão distantes do tipo “ideal” de mulher.

Então, disfarçadas de um discurso protetor/paternalista/patriarcal reforçam o moralismo e preconceito desvalorizando suas atividades destinadas às margens da desaprovação e desprezo social. Os serviços sexuais, especialmente, a prostituição seria uma profissão como qualquer outra. Porém a “coisificação” e vitimização tiram destes sujeitos o direito de escolha, colocando-as dentro de espaços que ratificam o discurso vitimizante. Nas últimas décadas fortalecidas pela confusão entre prostituição adulta, a prostituição infanto-juvenil e as relações migratórias por motivos sexuais atrelados ao tráfico de pessoas para se prostituírem como obrigação.

Na praia de Pipa, encontra-se um fenômeno que ainda estar longe das grandes capitais, nos vilarejos praianos a ascensão do corpo masculino parece ter transformado a vida social de algumas comunidades com Jericoacara, Canoa Quebrada (PISCITELLI, 2010), e outras que tem sido analisada nos últimos anos. Nessas o corpo procurado, desejado é o masculino. Assim como em Pipa, nesses lugares há intercâmbios fluídos marcados pelo turismo sexual feminino, a expressão que compreendo que caiba bem nesses intercursos é: sexo e turismo.

Nesses espaços, a presença feminina embaralha as tipologias referenciadas nos câmbios sexuais. Talvez porque pensar as mulheres em contextos de viagens ainda seja pouco comum. Deste modo, analisar quais os aspectos que caracterizam essas viagens se torna uma problemática maior, uma vez que encontramos nesses intercursos aspectos semelhantes ao que chamamos de turismo sexual. Logo podemos conferir a procura do (a) turistas significados semelhantes como, por exemplo, fantasias sexualizadas e racializadas dos homens e mulheres locais.

Esse tipo de turismo perpassa tanto pelas ideias sexualizadas e mercantilizadas do desejo do “Outro” local, a erotização do corpo destes sujeitos, quanto pelas marcas do turismo de romance, visto que alguns relacionamentos ganham ênfase no amor/companheirismo para fortalecer os laços sexuais que se tornam com preeminências afetivas. As turistas estrangeiras que se relacionam com locais acabam por interromper as normas e regras sociais que tem em seu repertório uma caracterização homogênea de relacionamentos.

É nesses lugares de turismo, que uma nova estilística estética é corporificada, há então uma compreensão de novas subjetividades eróticas e novas maneiras de transições íntimas.

O que me faz entender que a atividade/intercâmbios sexuais praticadas por homens no pequeno vilarejo, sendo a oferta de serviços sexuais femininos em menor escala está na lógica do sexo como inerente e legítimo ao masculino, onde este tem lugar público e suas ações estão intrínsecas a construção de uma masculinidade a ser vista e colocada em prova quanto o maior número de conquistas.

Diante disto, pode-se inferir que as semelhanças entre os intercursos sexuais femininos e masculinos são mais visíveis do que aparenta, por que embora retratem que a diferença entre o sujeito masculino e feminino envolvidos nessa atividade se diferenciam motivados pela conduta financeira feminina. Em Pipa, as ações das mulheres locais são semelhantes ao comportamento masculino. Corpos racializada, sensualizados, construídos sobre práticas esportivas. E o marco da noite, a caipirinha nas mãos. O que diferencia a conduta deste, em sua maioria, é que as mulheres esperam serem “cortejadas”, elas esperam o “Outro”, dificilmente vão à “caça”. Enquanto o homem local é um caçador nato. Outra semelhança é a que a partir do capital financeiro e cultural dos estrangeiros há possibilidades dos locais ascenderem socialmente e economicamente.

Outro ponto a ser levantado é como trabalhar a temática do turismo sexual, uma vez que as viagens ao nosso país não são realizada apenas por homens que procuram relações sexuais com a “venda” de corpos femininos sensuais, mulatos e cheios de gingados o que me faz pensar que as mulheres dos países desenvolvidos estariam traçando significações semelhantes em busca de liberar-se sexualmente com

elementos semelhantes aos homens. Observou-se que elas sabem o que estão procurando, muitas já chegam pedindo informações de como encontrar certo tipo de homem.

Para além do desejo racializado, encontramos em Pipa, na figura do *caça-gringa*, aspectos reforçados territorialmente. Segundo Albuquerque Junior (2003), devido ao ambiente hostil e seco da região do Nordeste brasileiro, as representações de masculinidades locais foram hiperbolizadas, pois apenas homens viris, másculos e machos poderiam sobreviver e enfrentar a aspereza e aridez do solo nordestino. Não obstante, o nordestino “macho por natureza”, foi construído como um tipo *Idea*. Nele o calor dos trópicos expressa as três raças formadoras da nacionalidade.

Os *caça-gringas* apresentam-se como mais um expoente da construção do homem nordestino. Embora, a pesquisa tenha me levado a pensar neste como sujeito de masculinidade híbrida. Ao mesmo tempo em que assumem os princípios de agência atribuída naturalmente ao masculino: virilidade, força, ação, investem conscientemente em performances de gênero, que dentro do discurso seriam características definidoras da feminilidade hegemônica, tais como: sensualidade, dependência e calidez.

No mais, ao mesmo tempo em que estes homens que se dispõem a caçar são também os que se colocam na posição de “objetos” de desejo. Destarte, demonstra a heterogeneidade e ambiguidade dos traços que constituem sua masculinidade. Essa masculinidade rompe com os limites impostos pela representação coletiva (DURKHEIM, 2001).

Portanto, os discursos de gênero em Pipa são assumidos pelos atores de forma processual, flexíveis e mutantes o que lhes possibilita (re) elaborações e (re) configurações identitárias.

Referência bibliográfica

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz. **Nordestino: a invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

BLANCHETT, Thaddeus Gregory “Fariseus” e “*gringos bons*”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**/ Adriana Piscitelli, Glaucia de Oliveira Assis, José Miguel Nieto Olivar, organizadores – Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011

CANTALICE, Tiago. **“Dando um banho de carinho!”: - os *caça-gringas* e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa-RN)**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2009.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo Martins Fontes, 2007

ESPEJO, Baetriz, **Manifesto Puta**. Belaterra, 2009

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o namadismo: vagabudagens pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PISCITELLI, A. “Gringas ricas”: Viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil. **Revista de Antropologia**, vol. 58 (3), 2010, pp.79-117.